

DIMENSÕES DO EROTISMO NA POESIA DE ADÉLIA PRADO

Angélica Soares (UFRJ)

Muitos são os caminhos que levam à poesia de Adélia Prado; muitas as dimensões de sua lírica. Aqui, sinalizados pelo “eu” que se projeta em “O modo poético”, percorreremos aquela via do seu erotismo, onde se entrecruzam o humano e o divino, aproximados pela presença constante da morte:

.....
é em sexo, morte e Deus,
que eu penso invariavelmente, todo dia.
É na presença d’Ele que eu me dispo,
e muito mais, d’Ele que não é pudico
e não se ofende com as posições do amor.¹
.....

De forma muito singular, a poesia adeliana interliga o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado, transmitindo-nos a convicção de que todo erotismo é sagrado² e um sentir-se à vontade, ao ratificar a profecia: “Um dia veremos a Deus com nossa carne.”³

No empenho maior de busca da continuidade para além do mundo imediato, mas somente a partir dele, Deus é humanizado e o homem divinizado. E isto se dá, sobretudo, através da figura de Jonathan, que aparece primeiramente na narrativa de *Os componentes da banda*⁴, retornando nos poemas de *O pelicano* e *A faca no peito*. Remetendo

para a presença de uma ausência, sua imagem relaciona-se, desde sempre, com a de Deus, que se deseja revelada no homem:

Não tem mar, nem transtorno político,
nem desgraça ecológica
que me afaste de Jonathan
Vinte invernos não bastaram
pra esmaecer sua imagem.
Manhã, noite, meio dia,
como um diamante,
meu amor se perfaz, indestrutível.
Eu suspiro por ele,
Casar, ter filhos,
foi tudo só um disfarce, recreio,
um modo humano de me dar repouso.
Dias há em que meu desejo é vingar-me,
proferir improperios: maldito, maldito.
Mas é a mim que maldigo,
pois vive dentro de mim
e talvez seja Deus fazendo pantomimas.
Quero ver Jonathan
e com o mesmo forte desejo
quero adorar, prostrar-me,
cantar com alta voz "Panis Angelicus".
Desde a juventude canto.
Desde a juventude desejo e desejo
a presença que para sempre me cale.
As outras meninas bailavam.
eu estava querendo
e só de querer vivi.
Licor de romãs,
sangue invisível pulsando na presença Santíssima.
Eu canto muito alto:
Jonathan é Jesus.⁵

São aproximados, a partir do título do poema, "O sacrifício" e o ato do amor. E, conforme nos lembra Bataille⁶, se já não temos mais, como os antigos, o sentimento imediato do sacrifício, que é dado pela presença da carne, ele pode ainda ser revelado ao cristão pela experiência interior. Se o sacrifício era a vida com a morte confundida

(“E, nele, também e simultaneamente, a morte se faz sinal da vida e abertura ao ilimitado”)⁷, no momento da comunhão, no ritual da missa, em que se oferece ao cristão o corpo e o sangue de Cristo, revivencia-se simbolicamente o sacrifício. É ainda, pela *carne* (corpo e sangue de Cristo) que se ligam o amor (dos homens a Deus e de Deus aos homens) e o sacrifício.

Adélia recria as emoções do “eu” (entremeadas de memórias da infância) diante da “presença Santíssima” e reelabora a força interior (“sangue invisível pulsando”) pela qual se torna possível experimentar o sentido maior do “Sacrifício”. No amor por Jonathan, presentifica-se o amor por Cristo. E, em face desse amor divino, que vem de Jonathan, as coisas da terra se apequenam. A felicidade terrena se mostra como um “disfarce”, porque o desejo maior (no poema transcrito, o da “presença que para sempre me cale”), ultrapassa cada desejo e, conduzindo à adoração e à prostração, espera sua realização em Jonathan, porque “Jonathan é Jesus”.

O sentimento de adoração a que conduz a experiência do sagrado, segundo ainda Bataille, advém do fato de estar ele ligado ao tabu, à proibição. Esta, porém:

... não tem apenas o poder de nos dar, no plano religioso, um sentimento de temor e tremor, mas transforma esse sentimento em devoção, ou melhor, em adoração. Os deuses que encarnam o *sagrado*, fazem tremer aqueles que o veneram, mas veneram-nos. Os homens estão simultaneamente submetido a dois movimentos: o do terror que rejeita e o da atração que exige o fascinado respeito. Proibição e transgressão correspondem a dois movimentos contraditórios: a proibição rejeita, mas o fascínio introduz a transgressão.⁸

A poesia de Adélia permite-nos acompanhar esse duplo movimento do sagrado: o do medo, guiado pela proibição e o da adoração, que exige a transgressão da “antiga lei”. Acompanhem-lo, aproximando os poemas “A filha da antiga lei” e “Festa do corpo de Deus”:

Deus não me dá sossego. É meu aguilhão.
Morde meu calcanhar como serpente.
faz-se verbo, carne, caco de vidro,
pedra contra a qual sangra minha cabeça.

Eu não tenho descanso neste amor.
Eu não posso dormir sob à luz do seu olho que me fixa.
Quero de novo o ventre de minha mãe,
sua mão espalmada contra o umbigo estufado,
me escondendo de Deus.⁹

Para a “filha” de uma lei sustentada na idéia de que as sensações corporais do amor são pecados, e por isso devem ser castigadas, o sentimento de um amor, que se manifesta fisicamente por Deus, representa um interdito ainda mais forte e maior a culpa pelo desejo de ultrapassá-lo. Resta-lhe apenas o regresso ao útero materno, ao antes da “antiga lei”.

Já em “Festa do corpo de Deus”, um cântico ao “amor do corpo”, do corpo de Cristo pregado na Cruz (unindo-se novamente amor e sacrifício), reconhece-se que a proibição existe para ser transgredida. A própria pontuação da “Festa”, impressa no título do poema, já nos traz a marca da transgressão, da ultrapassagem da situação aterradora. Remete-nos também, conforme nos ensina Roger Caillois, ao advento do sagrado.¹⁰

Como um tumor maduro
a poesia pulsa dolorosa,
anunciando a paixão:
“Ó cruz ave, spes unica
Ó passiones tempore”
Jesus tem um par de nádegas!
mais que Javé na montanha
esta revelação me prostra.
Ó mistério, mistério,
suspenso no madeiro
o corpo humano de Deus.
É próprio do sexo o ar
que nos faunos velhos surpreendo,
em crianças supostamente pervertidas
e a que chamam dissoluto.
Nisto consiste o crime,
em fotografar uma mulher gozando
e dizer: eis a face do pecado.
Por séculos e séculos
os demônios porfiaram
em nos cegar com este embuste.
E teu corpo na cruz, suspenso.
E teu corpo na cruz, sem panos:

olhe para mim.
Eu te adoro, ó salvador meu
que apaixonadamente me revelas
a inocência da carne.
Expondo-te como um fruto
nesta árvore de execração
o que dizes é amor.
amor do corpo, amor.

(“Festa do corpo de Deus”, TSC, p. 73)

O poema se inicia marcando a natureza erótica da criação poética (veja a mesma marcação no poema “Sedução”, B. p. 70). Sendo o erotismo objeto da paixão e sendo erótica a poesia, esta anuncia a paixão. E a paixão, em Adélia, conduz sempre à paixão de Cristo, revelada pelo sacrifício do corpo. Este é um percurso que, na sua poesia, não pode passar despercebido, pois é, desde sempre, o “corpo humano de Deus” que se quer imprimir poeticamente.

Ligar o sexo e o gozo ao pecado é obra enganadora dos “demônios”; o corpo de Cristo “... na cruz, sem panos:” revela “a inocência da carne”, eis a lição adeliана, que ultrapassa os limites estreitos da “moral sexual cristã”, baseada no maniqueísmo e empenhada em negar a dimensão erótica da experiência religiosa.

É também importante pontuar que Adélia Prado une, aí, a vivência individualizadora de misticismo e erotismo, a uma preocupação social com a condição da mulher, fortemente reprimida pelas estratégias de poder da estrutura familiar patriarcal (do 6º ao 21º verso). Em “Entrevista”, explicita-se esse aspecto da visão adeliана revolucionária: capaz de deixar perplexo o interlocutor masculino, bem como frustrada a mulher doutrinada e submetida pelo machismo dominador:

Um homem do mundo me perguntou:
o que você pensa de sexo?
Uma das maravilhas da criação, eu respondi.
Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas
e esperava que eu dissesse maldição.
só porque antes lhe confiara: o destino do homem é

[a santidade.]

A mulher que me perguntou, cheia de ódio:
você raspa lá? perguntou sorrindo,
achando que assim melhor me assassinava.
Magníficos são o cálice e a vara que ele contém,
peludo ou não.

Santo, santo, santo é o amor, porque vem de Deus,

.....
("Entrevista", CD. p. 86)

Adélia reapropria-se, nos versos acima, do registro popular e do prosaísmo vulgar e os insere no contexto religioso — um dos recursos para que se configure a estética do choque, característica de seu discurso. O abalo, na linguagem, melhor atende ao visado abalo de valores.

A imagem de Jonathan, metáfora da dimensão divina do ser-humano, retornando sempre, indica-nos o sentido de permanência do desejo, que atravessa a lírica erótico-religiosa adeliãna, permanência explicitada em "Não blasfemo":

Deus não tem vontade. Eu sim,
porque sou impressionável e pequena
e nunca mais tive paz desde que há muitos
anos pus meus olhos em Jonathan.
Meus olhos e em seguida minha alma.
Nada mais quis até hoje.
Como serei julgada,
se meu medo se esvai, o meu medo do inferno,
da face do Deus raivoso?
O princípio da sabedoria é agora minha coragem
de viajar pressurosa pra onde ele estiver.
Meu coração não pensa
e meu coração sou eu e seu desejo incansável.
A menina falou espantosamente:
"É impossível pensar em Deus".
E foi este o meu erro todo o tempo:
Deus não existe assim pensável.
Não sei vos reproduzir como é a testa de Jonathan,
mas quando ele me toca é no seio de Deus que eu fico,
um seio que não me repele.
Assim,
cumpro o desígnio da divina vontade:
seu queixo agora, Jonathan,
seu riso quase escarminho,
seu modo de não me ver,
Entalho a beleza de Deus.¹¹

A personificação de Deus em Jonathan traz-nos o testemunho poético do que mais fortemente especifica a existência, no mundo, do "eu" religioso. Nas lições de Eliade:

Qualquer que seja o contexto histórico em que está imerso, o *homo religiosus* crê sempre que existe uma realidade absoluta, o *sagrado*, que transcende este mundo, mas que se manifesta nele, por isso mesmo, o santifica e o faz real. Crê que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, isto é, na medida em que participa da realidade.¹²

Assim, ao invés de afastar a imagem divina, por ser impossível atingí-la, o religioso busca a sua manifestação através de elementos do seu mundo (“... sei que existe um grão de salvação/ escondido nas coisas deste mundo” — “A poesia, a salvação e a vida”, CD, p. 89). Jonathan é, na poesia de Adélia, um desses elementos. O amor por Jonathan é fruto da “divina vontade”; por isso, ao ser a amante tocada por ele, é “no seio de Deus” que ela se descobre. Ao alimentar-se dele, é da “Santa Ceia” que ela participa e, por breves instantes, se vê aquecida, iluminada e crepitante na ardência do gozo, pois perpétua é a fome da continuidade¹³:

Começou dizendo: ‘o amor...
mas não pôde concluir
pois alguém lhe chamava.
‘O amor... como se me tocasse,
falava só para mim,
ainda que outras pessoas estivessem à mesa.
‘O amor... e arrastou sua cadeira
pra mais perto.
Não levantava os olhos, temerosa da explicitude
do meu coração.

A sala aquecia-se
do meu respirar de crepitação e luzes.
‘O amor...
Ficou só esta palavra do incluído discurso,
alimento da fome que desejo perpétua.
Jonathan é minha comida.

(“A Santa Ceia”, F.P., p. 79)

A referência poética à perpetuação do desejo remete-nos para uma das questões centrais do erotismo: a da impossibilidade de alcançar-se a continuidade, nos limites desta vida descontínua. Daí o convite ao “morrer juntos” como forma de compartilhar, pelo amor, da ilusão da continuidade fugazmente atingida:

Jonathan,
se resolvermos que o céu
é este lugar onde ninguém nos ouve,
quem poderá salvar-nos?
Quanto tempo resistiríamos
sem falar a ninguém deste acontecimento?
Acompanhei com os dedos
o desenho miraculoso do teu lábio,
contornei-lhe as gengivas,
bati-lhe no dente escuro
como em um cavalo,
um cavalo meu na campina.
Pedi-lhe: faz com tua unha um risco
na minha cara,
o amor da morte instigando-nos
como nunca vista coragem.
Vamos morrer juntos
antes que o corpo alardeie
sua mísera condição.
Agora, Jonathan.
neste lugar tão ermo,
neste lugar perfeito.

(“O Encontro”, FP. p. 51)

Esse poema traz-nos a reflexão batalliana sobre a relação entre o desejado dos amantes e a morte:

No momento de dar o passo, o desejo lança-nos para fora de nós, não podemos mais, o movimento que nos arrasta exige que nos quebreemos. Mas o objecto desse excessivo desejo, diante de nós, liga-nos à vida que o desejo ultrapassa. Como é doce permanecer longamente perante o objecto do desejo, mantermo-nos em vida e no desejo, em vez de morrer indo ao fim, cedendo ao excesso da violência do desejo! Sabemos que a posse desse objecto que nos faz arder de desejo é impossível. Sabemos que uma das duas coisas sucederá: ou o desejo nos consome, ou o objecto dele deixará de nos abrasar. Só o possuímos sob a condição de que pouco a pouco, o desejo que ele nos dá se apazigue. Mas antes a morte do desejo do que a nossa morte! Satisfazemo-nos com uma ilusão. A posse do objecto do desejo dar-nos-á sem morrer o sentimento de ir até ao fim dele. Não apenas renunciamos a morrer, como

anexamos o objecto ao desejo, que realmente era desejo de morte, mas que anexamos à nossa vida permanente. Em vez de perder a vida, enriquecemo-la.¹⁴

A mesma doçura, referida por Bataille, conduz-nos o texto de Adélia. Conduz-nos ainda ao espaço ideal do encontro, que, na realidade, é o encontro da vida com a morte, para que se suprima a descontinuidade individual, responsável pelo sentimento de solidão e pela diferença entre os seres. Com aquele encontro, a poetisa também nos acena, dentre outros momentos, quando acentua que:

.....
Amor e morte são casados
e moram no abismo trevoso.
.....

(“A Seduzida”, FP, p. 53)

ou que:

A graça da morte, seu desastrado encanto
é por causa da vida.

.....
 (“Um homem habitou uma casa”, CD, p. 96)

Ainda um outro traço, que não poderíamos deixar de mencionar, nesta poética místico-erótica, é o da sexualização e erotização da alma. E isto se dá porque corpo e alma não se dissociam. Não há lugar, no discurso adeliانو, para a dicotomização. Adélia nos faz vivenciar a alma do corpo e o corpo da alma, mais presentes no ato da consumação erótica:

.....
Sei agora, a duras penas.
porque os santos levitam.
Sem o corpo a alma de um homem não goza.
Por isto Cristo sofreu no corpo a Sua paixão,
adoro Cristo na Cruz.
Meu desejo é atômico,
minha unha é como meu sexo.
Meu pé te deseja, meu nariz.
Meu espírito — que é o alento de Deus em mim — te deseja.

(“A terceira via”, P, p. 52)

Note-se que, como nos poemas “O Sacrifício” e “Festa do corpo de Deus”, já focalizados, retorna-se à cena do sacrifício de Cristo relacionada à experiência do erotismo, relacionamento fortemente identificador da poesia de Adélia Prado.

Em “Disritmia”, se reconhece liricamente: “erótico é a alma”, em meio às situações cotidianas (das quais, Adélia Prado nunca abre mão), que, por sua vez, trazem sempre a presença de Deus:

Os velhos cospem sem nenhuma destreza
e os velocípedes atrapalham o trânsito no passeio.
O poeta obscuro aguarda a crítica
e lê seus versos, as três vezes por dia,
feito um monge com seu livro de horas.
A escova ficou velha e não penteia.
Neste exato momento o que interessa
são os cabelos desembaraçados.
Entre as pernas geramos e sobre isso
se falará até o fim sem que muitos entendam:
erótico é a alma.
Se quiser, ponho agora a ária na quarta corda,
para me sentir clemente e apaziguada.
O que entendo de Deus é sua Ira,
não tenho outra maneira de dizer.
As bolas contra a parede me desgostam,
mas os meninos riem satisfeitos.
Tarde como a de hoje, vi centenas.
Não sinto angústia, só uma espera ansiosa.
Quem é premente é Deus.

(“Disritmia”, B, p. 66)

Lembrando a “escrita automática” dos surrealistas, as imagens vão-se associando disritmicamente, até que o fluxo da consciência faz emergir a erotização da alma. Nesse ponto, convém notar a dissociação entre o gozo erótico e a reprodução.

Num vai e vem da linguagem, caminha-se do mais sacralizado ao mais banal e vice-versa, com a mesma familiaridade. E isto muito se deve ao projeto poético adiliano de evitar as abstrações (daí também a forte corporificação e cotidianização de suas construções imagéticas).

Os versos finais vêm ratificar (junto a tantos outros, de tantos outros poemas) a afirmação que daria título à última seção de *O coração disparado*: “Tudo que eu sinto esbarra em Deus” (p. 82).

Muitos são os caminhos que levam à poesia de Adélia Prado, muitas as dimensões de sua lírica. Mas, os que não queríamos mesmo

ter deixado de percorrer, neste breve ensaio foram alguns daqueles que lhe permitiram afirmar:

Como existiram os santos. Deus existe
e com um poder de sedução indizível.
("Cacos para um vitral". TSC, p. 19)

pois só os poetas, como Adélia, nos dizem o indizível, no dizer ilimitado da Poesia, que inclui o não-dizer para nos dizer sempre mais.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. PRADO, Adélia. O modo poético. In: ———. *Bagagem*. 4. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986. p. 85. Como todas as citações de *Bagagem* serão feitas por essa edição, indicaremos, no próximo texto, o título do poema, seguido da inicial B e do número da página.
2. BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Trad. João Bernardo da Costa. Lisboa, Moraes, 1980. p. 17 e 74.
3. PRADO, Adélia. Gregoriano. In: ———. *O coração disparado*. 4. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987. p. 97. Como todas as citações de *O coração disparado* serão feitas por essa edição, indicaremos, no próprio texto, o título do poema, seguido das iniciais CD e do número da página.
4. PRADO, Adélia. *Os componentes da Banda*. 3 ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1985.
5. PRADO, Adélia. *O Sacrifício*. In: ———. *O Pelicano*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987. p. 64. Como todas as citações de *O Pelicano* serão feitas por essa edição, indicaremos, no próprio texto, o título do poema, seguido da inicial P e do número da página.
6. BATAILLE, G. Op. cit., p. 80-83.
7. BATAILLE, G. Op. cit., p. 82.
8. BATAILLE, G. Op. cit., p. 60.
19. PRADO, Adélia. A filha da antiga lei. In: ———. *Terra de Santa Cruz*. 2. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986. p. 55. Como todas as citações de *Terra de Santa Cruz* serão feitas por essa edição, indicaremos, no próprio texto, o título do poema, seguido das iniciais TSC e do número da página.
10. CAILLOIS, Roger. O Sagrado de transgressão: teoria da festa.

In: ———. *O homem e o sagrado*. Lisboa, Ed. 70, 1988. p. 95-124.

11. PRADO, Adélia. Não blasfemo. In: *A faca no peito*. 2. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1988. p. 77. Como todas as citações de *A faca no peito* serão feitas por essa edição, indicaremos, no próprio texto, o título do poema, seguido das iniciais FP e do número da página.
12. ELIADE, Mircea. *Lo sagrado y lo profano*. 2. ed. Madrid, Guadarrama, 1973. p. 170.
13. BATAILLE, G. Op. cit. A tensão entre continuidade e descontinuidade do ser, no erotismo, é um dos eixos de sustentação do pensamento batalliano, já aparecendo na Introdução do livro.
14. BATAILLE, G. Op. cit., p. 126-7.